

Resenhas

Laurent OLIVIER

Le sombre abîme du temps. Mémoire et archéologie.

Paris, Seuil, 2008, 308 pp.

ISBN 97820966375.

Laurent Olivier, arqueólogo francês renomado, é conservador do Departamento de Arqueologia Celta e Gaulesa do Museu de Arqueologia Nacional. Tem se dedicado, nos últimos anos, ao estudo da História da Arqueologia, dos usos do passado e do papel da disciplina em contextos contemporâneos. Com colegas alemães e de outros países, Olivier tem mostrado como a Arqueologia teve um papel relevante no bojo do movimento nazista e após a implementação da ditadura nacional-socialista e o domínio de vastas áreas da Europa. Neste volume, de caráter mais reflexivo, teórico e filosófico, Olivier volta-se para a epistemologia da disciplina, para as relações entre a Arqueologia e a memória.

Logo de início, mostra como a Arqueologia não tem por objeto outra coisa, senão a marca do passado na matéria; ela interroga o arquivo dessa memória, os vestígios arqueológicos. Propugna, de imediato, a necessidade de uma Arqueologia do período contemporâneo, os artefatos mais recentes e atuais. Narra sua trajetória a partir da infância e nesse período constata que muitos arqueólogos encontraram sua vocação. Seria casual? Seria sintomático de uma atração pelos vestígios da memória?

Em seguida, recorda o valor dos vestígios antigos para gregos e romanos e descreve Varrão, *investigator antiquitatis*, um

protoarqueólogo. Hoje, as *highways* americanas seguem traçados dos primeiros colonos europeus, que seguiam pistas ameríndias, vias originais das manadas de bisões. O mais moderno encontra-se com o mais antigo, de forma insuspeitada. Enquanto disciplina, a Arqueologia opera entre dois polos: por um lado, busca o desconhecido, a descoberta. Por outro, é levada, de forma quase irresistível, a integrar o novo no já conhecido, de forma que oscila entre a revolução e a normalização. O achado é sempre uma novidade, domesticada pela tipologia. Busca-se o novo, mas ele confirma os preceitos que servem para analisar o próprio novo artefato. Trata-se de uma tensão no interior da disciplina. O caráter destrutivo da escavação merece também atenção, assim como o método etnográfico de Leroi-Gourhan.

Como decorrência, a Arqueologia do presente adquire sentido, a partir da simples observação das coisas ao nosso redor. A Arqueologia Medieval consolidou-se na década de 1970, a Moderna a partir 1990 e agora apenas aquela do mundo atual. Inspirando-se em Walter Benjamin ressalta a importância do tempo presente, *Jetztzeit*, prenhe de consequências. Remonta às origens da disciplina, como estudo das civilizações históricas e do arqueólogo como erudito solitário e sábio de gabinete, sempre no cerne da labuta arqueológica: *depuis toujours, l'archéologue est un antiquarius, un antiquaire, un collecteur* (p. 174, “desde sempre, o arqueólogo é um antiquário, um colecionador”). Como tal, as classificações, surgidas com os arqueólogos da Escandinávia, criadores das Idades, se inseriam no bojo da nascente Biologia evolucionista.

No capítulo conclusivo, Olivier retorna a Benjamin e à sua oposição ao tempo vazio e cronológico do positivismo, por oposição ao *nunc stans*, ao *kairós* da contemporaneidade. Se reconhecermos que a Arqueologia não tem um tempo unilinear e sequencial do historicismo, então o tempo arqueológico aparece inteiro no presente (*Jetztzeit*). A Arqueologia não se interessa pelos eventos do passado, mas à memória que se constrói no tempo pela repetição e pela reavaliação. Neste sentido, a disciplina arqueológica possui uma vocação fundamental para se definir como uma Arqueologia do presente. De forma apropriada, retoma Heráclito: “a natureza gosta de se esconder. Se não esperamos o inesperado, este não será encontrado, pois é difícil encontrá-lo”. O passado está escondido nos restos arqueológicos que não dizem, necessariamente, o que sua aparência formal parece nos querer dizer. Quando achamos um artefato que nomeamos umbu, o

que achamos não é um inexistente povo ou cultura umbu, mas é nossa própria classificação que nos torna o que deveria ser inesperado como uma confirmação da nossa própria tipologia. Os gregos chamavam isso e tautologia.

Esse belo livro, uma obra literária de valor intrínseco, encerra muitas joias e uma mensagem de vida:

Résister à la dévaluation de l'humain, c'est décider de ne pas renoncer à notre part individuelle d'humanité, en posant l'histoire comme le lieu de la conscience. C'est considérer les toutes petites choses du monde au moins aussi importantes que les grandes, et les recevoir, dans leur fragile à-présent, comme un présent merveilleux de la vie (p. 289).

“Resistir à desvalorização do humano é decidir não renunciar à nossa parte individual da humanidade, colocando a História como lugar da consciência. É considerar todas as pequenas coisas do mundo tão importantes quanto as grandes e as receber, no seu frágil presente, como uma dádiva maravilhosa da vida.”

PEDRO PAULO A. FUNARI

*Professor Titular do Departamento de História
Coordenador do Núcleo de Estudos Estratégicos, Unicamp.*